



## UMA PESCA EXTRAORDINARIA

Voltavam da escola a Rozinha e o Daniel. Ella era uma rapariguinha rechonchuda e córada, dada à boa paz e muito meiga; elle, um diabrete escanifrado, cheio de idéas phantasiosas, prompto sempre a inventar brincadeiras, que nem sempre davam bom resultado.

Esquecia-nos dizer que os nossos dois personagens eram irmãos.

Daniel sahio da escola, depois de pedir a benção ao mestre, conforme o costume da aldeia, e foi á mestra buscar a irmã. Pelo caminho, muitos saltos, muita grazinada, muita alegria.

— Espera ahi, Daniel, não vás tão depressa — dizia a pequenita.

— Custa-lhe bem a mexer-se! — volvia o diabrete, já a bastantes passos de distancia. — Sempre estás uma açorda!

— É que não posso acompanhar-te.

— Pudera! estás quasi uma bola!

— Sinto-me já tão cansada! Fazes-me ir a correr, porque tenho medo de ficar só.

— Pois então vamos descansar um bocado; tenho cá uma idéa.

— Ha de ser fresca a tua idéa! Dize lá o que é.

— É ir pescar á lagoa.  
 — Pescar! Mas se nos demoramos, a mãe pôde ralhar.  
 — Não ralha, não; e depois, é ainda muito cedo.

N'isto, tinham chegado proximo da lagoa.  
 O Daniel pôz no chão o livro e a pedra das contas, e com um desembaraço que faria rir quem o observasse, quebrou uma canna do valado, atou-lhe na parte superior um cordel que trazia no bolso, á ponta do cordel prendeu um anzol, iscou este com uma minhoca que tirou da terra humida, e... estava prompto para a balta.

Em quanto o nosso Daniel, sentado gravemente sobre a relva da margem, pescava n'uma grande anciedade attenta, a Rosinha, mais ideal nos seus gostos, começou a colher flores, muito alegre e entretida.

— Ó Daniel! então? — perguntava ella de longe. — Ainda nada?

— Cala a bocca!

— Tens medo que faça fugir o peixe? — tornava risonha.

— Deixa-me!

O Daniel estava já meio encavacado.

A Rozita continuava a apanhar flores. D'alli a pedaço, ella ontra vez:

— Então, Daniel?

Elle nem pio.

— Hoje é que vamos ter uma ceia d'arromba com a tua pescaria! Não é verdade?

O Daniel sentia-se furioso com os remoques da irmã; mas não lhe dava resposta.

A Rozita aproximou-se, trazendo no regaço uma boa abada de flores.

— Olha — disse ella em tom malicioso — para que não me chames gulosa, cedo-te o meu quinhão.

O Daniel sentia cada vez maior raiva. E o peor é que as enguias e os barbos não queriam saber da isca.

— Também antes assim; — continuava implacavel a Rozita — vejo ahi tanto peixe, que podia ter alguma indigestão com a fartadella...

D'esta vez é que o Daniel ia explodir. Estava tentado a quebrar a canna na cabeça da irmã; mas... sentiu um puxão na linha! Era peixe, finalmente! Animou-se-lhe o rosto, um sorriso de triumpho lhe veio aos labios! Ia confundir a irmã, e que tinha ralado com os seus gracejos.

A linha continuava a ser puxada com violencia. «É peixe grosso» — pensou elle. Levantou-se entusiasmado, ergueu a canna rapidamente, e... cahiu de costas assustado.

O peixe era... uma rã!...

#### ADORMECEU!...

Era uma noite d'inverno; a geada que cahia, além de tornar os vidros baços, espalhava pela sala um terrivel frio. A mamã e algumas amigas faziam serão sentadas em redor d'uma meza, e Julio, que tinha estado por largo tempo a ouvir

muito attento a conversação, começou a sentir-se aborrecido. Os seus 5 annos não lhe permittiam por mais tempo o estar quieto! Quiz entreter-se e entreteve-se effectivamente.

Levantou-se e começou por collocar duas cadeiras no meio da sala. Correu, depois, a um quarto e trouxe um cobertor. Pôz as cadeiras com as costas uma contra a outra, tendo, de permeio, um pequeno espaço. Depois cobriu-as com o cobertor e correu á mamã a pedir-lhe um alfinete.

Os relampagos succediam-se ao longe, rangando com o seu clarão as densas sombras da noite, que estava pezada e escura.

Depois de obter o alfinete pedido, Julio continuou no trabalho para a realisação do seu pensamento! Repetia a miúdo, muito ufano:

— Que bella casa eu vou fazer!... Mas que bella!!

E continuava entusiasmado a fazer a sua casa.

— O tecto deve ser mais direito! exclamava elle, puchando o cobertor, já pregado a uma cadeira, que cahia com a força que o nosso heroe empregava.

— Mau!... Mau!...

— Então que é? perguntou a mãe, voltando-se.

— É a cadeira que está a brincar commigo!

— respondeu, n'um tom de voz que fez rir todos.

O menino Julio não era para graças! Era valente com os outros da sua idade; tanto que, muitas vezes, a mamã o ia separar d'alguma briga que tinha com algum seu collega. Julio, ás vezes, fazia com que nós tivéssemos d'as criadas que, coitadas! o vestiam e punham bonito, para elle, passada meia hora, estar sujo e rôto. Por isso, aquella gargalhada em côro não lhe agradou demasiado; mas continuou na sua *construção*. As cadeiras parecia não quererem servir de *paredes* a tão *bôa* casa; ora cahia uma, ora outra; era uma verdadeira derrocada!...

Por fim, o Juliosinho checou que era impossivel com tão fracas *paredes* esticar mais o *tecto*, e deixou o ficar mais bambó.

Finalmente! estava concluido o seu trabalho!...

Arranjou depois um banquinho e metteu-o dentro da casa, para servir de mobilia.

A *casa* estava *mobiliada* e prompta a receber o seu locatario; elle, porém, entendeu que faltava ainda alguma cousa... o gato!...

O gordo bichano era muito querido do nosso Julio. Se ao deitar-se o não tinha junto a si, chorava; se a criada se esquecia de deitar comida ao *Turco*, o Julinho desesperava-se; emfim, o gato era para elle a cousa mais preciosa d'este mundo!

Lá vae elle procural-o!

Depois de algumas pesquizas, dá com elle e tral-o todo satisfeito. Depois mette-se dentro da sua *habitação*, com o querido *companheiro*, e a rir diz para as senhoras que estavam na sala:

— Até logo!...

Immediatamente para o gato:

— Vá, está quieto!...

Novamente para fóra:

— Adeus!... adeus! cá vou para a minha casa!

— Adeus!... adeus! repetiram as amigas da mamã.

Julio deitou abaixo uma aba do cobertor. Parecia que estava mettido n'uma condessa. Os de fóra apenas ouviam de quando em quando alguma admoestação ao gordo *Turco*, que a toda a força se queria safar.

A pouco e pouco foram cessando as reprehensões e por fim cessaram de todo.

Na sala, as senhoras continuavam a conversar, sem mais se lembrarem do Juliosinho. De subito, a mamã volta-se e vendo a casa de seu filho, recorda-se e chama-o:

— O Julio!...

Silencio.

— Julio!...

O mesmo.

— Olha a D. Sophia que te quer dar um beijo!

Ainda o mesmo!

Em todos os labios passou um sorriso, como prophetizando o que iam ver.

Então D. Laura, assim se chamava a mamã do nosso personagem, levantou-se; dirigiu-se ao sitio onde seu filho se tinha encerrado; ergueu a ponta do cobertor, e deu com o filho n'uma posição verdadeiramente encantadora: sentado no banquinho que elle lá tinha posto; com a cabeça loura e annelada encostada ás costas da cadeira; o rosto um pouco affogaeado pelo calor que allí fazia, com as mãos estendidas para o reagoço, e n'elle o *Turco* enroscado a dormir tambem!

Cansado das brincadeiras do dia e acalentado por um tépido calor, Julio... adormecera!...

Lisboa.

A. MEIRELLES DE LEMOS.

## UM ADIVINHO Á FORÇA

Reinava em Samarkande o sultão Karam-Bou-Lady.

Era um soberano muito amado dos seus subditos, que só lhe notavam um defeito: dar o cavaquinho pelas maçãs, adoral-as, apesar de já não ter dentes para as trincar. Nos jardins do seu palacio havia um magnifico pomar, que despertava a cobiça de todos os cortezãos. Ai d'aquelle que se atrevesse a tocar sequer n'uma maçã!

Costumo, apesar da mais rigorosa vigilancia, as maçãs eram roubadas, não só pelos grandes da côrte, como tambem por alguns mancebos da cidade, que arriscavam a vida para poderem deliciar-se com tão excellentes fructos. Até o proprio grão-visir não pudera resistir á tentação: uma noite escalou os muros do pomar, como um reles ratoneiro, para satisfazer a sua gulozeima.

Um grão-visir não passa despercebido em parte alguma, muito menos em cima d'um muro alto. Os seus inimigos — qual é o grão-visir que os não tem? — formaram uma conspiração, e

n'uma noite que elle saboreava uma maçã sultana, a melhor especie do pomar, vis assassinos cahiram sobre elle e mataram-no, fugindo em seguida, deixando o cadaver abandonado no sitio do delicto.

Dois figurões, que tambem costumavam ir de noite dar assalto ás maçãs do sultão, tinham visto commetter o crime. Um d'elles era Ben-Douda, o bóbo do palacio; o outro era um mancebo da cidade, chamado Ali. Apavorados com o caso, trataram de fugir; saltaram ao mesmo tempo o muro do jardim, e tão grande era o seu terror, que cahiram um sobre o outro do lado de fóra do muro. No mesmo instante se agarraram mutuamente, julgando cada qual que o outro era o assassino. Felizmente, reconheceram-se.

— Viste? — perguntou Ben-Douda.

— Vi tudo! — respondeu Ali. — Um dos assassinos era o magnate Omar, que desde muito tempo não cessa de tramar intrigas com o fim de occupar o lugar de grão-visir.

— Não podemos denunciar-o ao sultão sem que nos denunciemos egualmente. Entretanto, um crime tão horroroso não póde ficar impune!

— Tens razão. Mas que se ha de fazer?

— Escuta —olveu o bóbo. — Amanhã, quando o sultão sahir da mesquita, estaciona allí perto; eu então apresentar-te-hei a Karam-Bou-Lady, como o maior adivinho do reino; elle de certo te conduz ao palacio, onde lhe contarás tudo que presenciamos.

Gasado este plano, os dois amigos separaram-se.

No dia seguinte, á hora combinada, Ali encontrou-se na passagem do sultão, ao qual foi apresentado por Ben-Douda, e que o mandou ir ao palacio.

O sultão de Samarkande em breve ordenou que entrasse nos seus aposentos o famoso adivinho Ali, de quem Ben-Douda lhe contara maravilhas.

— Falla — disse-lhe o sultão. — Adivinha qual é o pensamento que me preoccupa n'este instante.

— Vossa alteza — respondeu Ali — está inquieto como a ausencia do grão-visir, que não vê desde hontem.

— Acertaste! E que é feito d'elle?

— Soberano senhor, o grão-visir foi assassinado por infames ladrões de maçãs, quando, para bem servir a vossa alteza, vigiava o pomar.

— Mentis! — exclamou o sultão, muito comovido.

— Estou-o vendo d'aquí! — accrescentou Ali em tom inspirado. — Lá está elle inerte e ensanguentado ao pé da arvore que dá o fructo delicioso que vossa alteza prefere, a maçã sultana!

(Continúa).



## DIALOGOS INSTRUCTIVOS

## O LINHO E O CANHAMO

Octavio era um rapazito brincalhão; Thereza uma menina sufficientemente esperta. Quando ella vinha á cidade e se extasiava diante das lojas resplendentes de luxo e de luz, Octavio caçoava com a joven provinciana.

— Minha querida prima — dizia-lhe elle a rir — apesar de te julgares quasi uma senhora, não estás muito adelantada: o teu espanto denuncia a tua ignorancia.

Mas a priminha tinha occasião de vingar-se. Quando o Octavio ia passar alguns dias á quinta, e que, por exemplo: confundia as aboboras com os melões, Thereza dizia-lhe zombeteira:

— Meu caro primo, apesar dos teus estudos e de seres quasi um homem, sabes menos que um pobre pastor.

A despeito d'estas innocentes ironias, os dois priminhos eram muito amigos.

Um dia que passeavam juntos pelo campo, Octavio parou de repente e disse á sua gentil companheira:

— Por muitas vezes me tens fallado no ar puro que se respira no campo; mas parece-me, Thereza, que n'este momento não cheira aqui a rosas.

— Tens razão; — respondeu a prima — estas perto do charco do linho, que cheira mal quando lhe mexem. E alli que se macera a planta.

— Confesso que não percebo.



... transportavam para o prado proximo o, estendendo-os ao sol ...

— Pois se o teu nariz se atreve a affrontar aquelle mau cheiro, aproxima-te do charco, para veres a operação.



... até ás rendas mais delicadas.

Em poucos minutos os dois priminhos chegavam perto d'uma grande cova cheia d'agua.

Alguns camponezes tiravam d'aquella cova molhos de plantas, que transportavam para o prado proximo, estendendo-os ao sol, depois de os desatarem.

— Ahí tens o charco — disse a Therezinha ao seu companheiro. — Aquelles molhinhos meio apodrecidos que os homens tiram da agua, são pés de cânhamo.

— Não sei para que fazem apodrecer essa planta; o que está pôdre não presta.

— A tua observação prova que não conheces o cânhamo, apesar dos teus estudos de sabio.

— Pois engana-se, minha menina esperta. O cânhamo é uma planta originaria da Asia, e que se cultiva em todos os paizes temperados da Europa. É immensa a sua utilidade. Tem milhares de applicações, desde as redes dos pobres pescadores, até ás rendas mais delicadas. Nota-se uma grande differença entre a planta macha e a fêmea. Esta é muito mais alta que a outra e vive mais tempo. Posso até acrescentar que os homens do campo dão geralmente o nome de fêmea á planta macha.

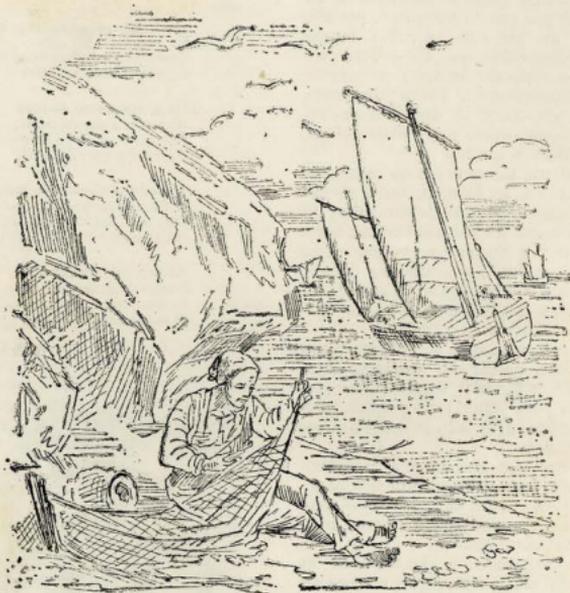
— É possivel. Os pobres camponezes não tem como os senhores da cidade o tempo e os meios de se instruirem. Ora uma vez que conheces tão bem o cânhamo, faze-me o favor de procurar ahí pelo campo um pé d'elle e de m'o trazeses.

Octavio pôz-se a olhar para todos os lados, mas não se mexeu.

— Nunca vi o cânhamo — declarou elle; — era o que tu querias que eu confessasse, não é verdade, minha ladina?

— Era sim — respondeu a Therezinha, rindo

ocasião de ver esses objectos, convem aproveitá-la. Olha, ahí tens o cânhamo. É da casca que envolve a haste que se fazem os tecidos. A casca está pegada com uma gomma bastante forte, e para a despegar é necessario conservar o cânhamo ou o linho dentro d'agua, a qual decompõe



Tem milhares de applicações, desde as redes dos pescadores...

com gosto. — Tenho notado mais d'uma vez que os senhores estudantes fallam das coisas como os cegos fallam das côres.

— Não admira: estudamos pelos livros, e os livros não nos mostram os objectos que descrevem.

— Pois n'esse caso, quando se apresenta a

a gomma sem prejudicar a casca. Depois, resta apenas separar a casca da haste, o que se chama *grammar*.

— Ahí está uma palavra e uma operação que eu desconheço.

— Pois eu lhe explico, sr. estudante.

(Continúa).

## CARO ASSOBO!

Em 10 de novembro de 1772, escrevia B. Franklin a M.<sup>me</sup> Brillon:

A descripção que faz do paraíso e os planos para n'elle viver agradam-me muito. Também approvo a conclusão de que em quanto andarmos por este miseravel globo, tiremos d'elle todo o proveito possível. A meu ver, poderíamos perfeitamente utilizar muito mais e soffrir muito menos. A questão está em pouco. Era termos todo o cuidado *que não nos ficasse muito caro o assobio*; porque me parece que a maior parte

dos infelizes que ha no mundo são-n'o por não terem tido esta precaução.

Que quer dizer com isso? perguntar-me-ha. Como sei que as historias lhe não desagradam, permitta-me que lhe conte uma que me succedeu. Quando eu tinha ahí uns cinco ou seis annos, certo dia de festa os meus amigos encheram-me as algibeiras de dinheiro. Pulando de contente, parti sem mais demora em direcção a uma loja onde se vendiam bonitos; mas encontrando no caminho um rapaz que tinha um asso-

bio cujo som me pareceu uma cousa maravilhosa, offereci-lhe e dei-lhe por elle, com o maior prazer, todo o dinheiro que levava. De volta a casa, o que fazia unicamente era assobiar, muito satisfeito da minha compra, de maneira que entontecia a familia. Os meus irmãos, as minhas irmãs e os meus primos, sabendo quanto me tinha custado aquelle maldito instrumento de barulho, disseram-me que eu tinha dado por elle dez vezes mais do que valia, e indicaram-me muitos outros brinquedos que eu poderia ter comprado com o resto do dinheiro, se tivesse andado mais prudentemente. Tanto zombaram da minha tolice, que chorei de despeito, e as reflexões que fiz causaram-me mais pena do que gosto me havia dado o assobio.

Este factio ficou-me tão gravado na memoria, que não deixou de me ser bastante util d'alli em diante, porque sempre que me davam ganas de comprar alguma cousa de que não carecia, dizia commigo: *não seja o demonio negro que eu vá dar de mais pelo assobio*, e guardava o dinheiro.

Quando comecei a frequentar a sociedade, observei as acções dos homens, e conclui que muitos *pagavam carissimo o assobio*.

Quando se me deparou um que, ambicionando os favores da cõrte, perdia nas antesalas o socego, a liberdade, a virtude, e até os seus verdadeiros amigos, para obter uma pequena distincção: este homem, disse com os meus botões, *dá muito pelo assobio*.

Quando vi outro que anciava por popularidade, e que, para obtel-a, só tratava dos negocios publicos, abandonando os seus, e que uma tal negligencia sem duvida lhe acarretava ruina, disse eu: *caro lhe fica o assobio!*

Ao ver que um avarento, desprezando as commodidades da vida, deixava de ser util ao proximo, e renunciava ás delicias da amizade e á estima dos seus compatriotas, por possuir um pedaço de metal amarello: *caro assobio!* resmunguei eu.

Quando dei com um homem que, por entregar-se aos prazeres, sacrificava o aperfeiçoamento da intelligencia e melhora de posição aos deleites do que é puramente corporal, estragando a saude, exclamei: homem illudido, que buscas penas em vez de prazeres, *pagas muito caro o assobio!*

Se encontrava algum cujo fraco consistisse em ter vestuario rico, casa sumptuosa, moveis preciosos, carruagens brilhantes, sem ter os meios necessarios para sustentar todo esse luxo, vendo-se por isso obrigado a contrahir dividas, que por fim vinham a dar com elle na cadeia: infeliz! dizia, *como pagou caro o assobio!*

Em fim, cheguei a convencer-me de que a maior parte das desgraças dos homens procedem de não se dar o devido valor ás cousas, e de *se pagar demasiadamente caro o assobio!*

Não obstante, quasi me compadeço d'essas infelizes creaturas, quando considero que, apesar de toda a prudencia de que me vanglorio, ha n'este mundo certas cousas tão seductoras (como por exemplo as maçãs do rei João, que feliz-

mente não estão á venda) que se se vendessem publicamente a quem mais dêsse, talvez me arruinasse para as adquirir, e assim pagaria pela segunda vez *muito caro o assobio*.

## AS FLORES MAIS BELLAS!

Em quatro quadras singelas,  
Eu vou dizer ao leitor  
Quaes são as flores mais bellas,  
De nome mais seductor.

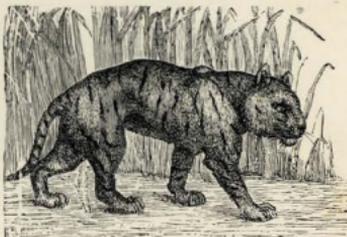
Eu gosto muito da roza  
Que tem a cõr da romã,  
Por ser a estampa formosa  
De minha querida irmã.

Quando me lembra o jacintho,  
A flor da minha affeição,  
Oh! que saudades eu sinto  
Do meu pranteado irmão!

Amo muito a margarida,  
Porque recordar-me vem  
O meu Deus, a minha vida,  
O nome de minha mãe!

Vizeu.

O PEQUENO ANTONINHO.



## O TIGRE

Sabem o que é uma onça: um gato enorme de pêlo cinzento, salpicado de preto, leve como um passarro, feroz e valente como um leão, que vive na Africa e na Asia, e que, não obstante toda a sua ferocidade, se domestica facilmente.

O jaguar é quasi a mesma cousa: talvez um pouco maior, com o pêlo mais curto e, em logar de cinzento, amarellado com manchas louras circumdadas de preto.

Encontrei muitos quando andei pela America do sul, terra da sua naturalidade.

Nunca me causaram grande susto; gostava até de os surprender, porque são engraçadissimos: brincam exactamente como os gatos.

Mas a primeira vez que vi na minha frente um cuguar a enfeitar-se para me engulir, a mim ou a algum dos meus companheiros, confesso que fiquei sem pinga de sangue.

Passeava eu em companhia de tres amigos, um dos quaes, J. Wilson, vivera muitos annos no Indústão.

O animal estava deitado ao pé de uma arvore, e, ao avistar-nos, sentou-se.

É uma fêra respeitavel: maior do que o jaguar e muito mais feroz e possante.

«Está muitos furos abaixo do tigre, disse Wilson.

«Abaixo do tigre! exclamou Perdriel. Então o que é aquillo?

«É um cuguar ou puma, respondeu Wilson. Pertence, como o jaguar, á mesma familia, á familia dos felidas, e, tambem como o tigre, recebe dos zoologos o nome de felis (felis concolor); mas, meu amigo, entre o cuguar e o tigre ha uma differença como da noite para o dia.

«Pois eu estava muito convencido de que este, a que chamam leão da America, é que era o verdadeiro tigre, disse Perdriel.

«Se fosse um tigre, meu caro Perdriel, tornou Wilson, não estava eu aqui tão descansado. Na America não ha semelhante droga. O verdadeiro tigre, o *felis tigris*, como o classificaram os naturalistas, o tigre real, como lhe chama o vulgo, só se encontra na Asia, e n'uma certa e determinada região. É temivel! Não conheço nenhuma fêra que se possa comparar com elle em força e ferocidade. É o flagello do Indústão. Trepa ás arvores com tanta agilidade como o gato, e dá saltos, que vão além de tudo que se possa imaginar! Brinca com a presa, por maior que seja, como nós poderíamos brincar com uma pêla.

«Isso tambem aquelle sujeito que alli está, e que ainda não tirou de nós os olhos, o que já me vai dando algum cuidado, acudiu Gutierrez.

«D'onde elle ainda não afastou os olhos é da minha espingarda, porque sabe que eu sou muito capaz de lhe metter uma bala na testa, disse Wilson, sorrindo. Mas diga-me, meu caro Perdriel, pôderia um puma correr ou saltar com um boi na bocca?

«De certo que não, respondeu Perdriel.

«Pois, meus amigos, tornou Wilson, o tigre carrega com um búfalo, como quem carrega com uma gallinha. O homem nas garras d'elle é um boneco!

«Conheço perfectamente o tigre real, disse eu.

«Então já esteve na India?

«Não; vi-o...

«N'uma *ménagerie*, cortou Wilson. Não o conhece. Os animaes encerrados em espaços estreitos, onde não pôdem exercitar o corpo e os membros, ficam sempre muito abaixo das dimensões da natureza; o proprio character não pôde adquirir todo o seu desenvolvimento; deforma-se, para assim dizer, tanto como o corpo. Captivos ou em climas diferentes d'aquelles em que a natureza os collocou, é impossivel formar uma idéa exacta do seu tamanho e dos seus habitos. O verdadeiro tigre é enorme. Um dia vi um que não era mais pequeno que um boi da Pampa. E que scena! nunca me esquecerá.

«Estava eu na minha tenda muito commodamente recostado a fumar um charuto, e ouço um tinto. Levanto-me immediatamente e dirijo-me á sentinella, quando vejo passar a alguns metros de distancia, dando saltos monstruosos, um tigre

estupendo com um dos meus mais valentes soldados na enorme bocca.

«A sentinella fizera fogo, e apesar da agitação, a pontaria não fôra de todo má, porque o animal dera um pulo formidavel; mas continuou o caminho com mais velocidade e em pouco desapareceu. Pudémos comtudo segui-o pelo rasto de sangue que d'elle manava ou da sua desgraçada presa. Tínhamos já penetrado no juncal e não desesperavamos ainda de salvar o valente moço; imagine-se porem o nosso horror, quando ouvimos uma especie de grunhido ou antes rugido, que, repercutido pelas montanhas de echo em echo, se tornou ainda mais medonho. E imagine-se tambem a alegria que succedeu ao susto, quando ouvimos a voz do nosso companheiro, que já julgavamos perdido, a chamar-nos! e poucos momentos depois o vimos correr para nós, dos recessos do juncal, com a cara mais risonha que um mortal pôde apresentar!

(Continúa)

FRANCISCO DE ALMEIDA.

## O LADRÃO E O ECCO

(IMITAÇÃO)

Alta noite, um ladrão, d'uma parreira  
Bifando moscateis uvas sem dó,  
Dizia: — Regalar vou os rapazes...  
O João, o José e o Jacob.

Ecco — Oh!

Oh!... quem 'stará aqui a estas horas?  
Querem ver que o caseiro deu por mim!...  
Nada, toca a safar, e quanto antes,  
Que já não estou bem aqui assim.

E. — Sim!

Não tem que ver... estou arranjadinho...  
Vou dar aqui o ultimo suspiro  
Se não bato canella! .. Vamos, vamos...  
Toca a ver se sem perigo me retiro.

E. — Tiro!

Ai! que o demo do homem vem armado,  
E pôde a tal função sahir-me cara...  
Que será da mulher e de meus filhos  
Se elle no triste vulto me dispara!

E. — Pára!

Lá n'essa é que eu não caio, meu amigo,  
Pois de juizo bom nunca fui falto...  
Deixae-me vós chegar ao pé do muro,  
E vereis como então p'ra fôra eu salto.

E. — Alto!

É alto, sim, senhor, mas eu sou leve  
E trepo ha annos muros de quintas...  
Vereis como eu o subo n'um instante  
Se parado e quieto ahi ficae.

E. — Cahes!

Caio!... não caio tal; ora vereis  
Como a minha manobra a limpo sahe...  
Desculpa-me a *bifança* d'estas uvas...  
Não torna cá o filho de meu pae.

E. — Ai!

Trepava; porém perde o equilibrio  
Por ter seu tanto ou quanto de pião;  
E ecco aquelle *ai* soltou ao longe,  
Quando o larapio viu cahir no chão.

J. I. D'ARAÚJO.

## ALEGRIAS

Dizia um viajante ao seu criado:

— Vou partir e o meu casaco está cheio de poeira! Forte descuido!

— Não ralhe, patrão; de que servia escovar o casaco, se d'aqui a bocado fica outra vez coberto de poeira?

Dias depois, diz o criado:

— O' patrão, faz favor de me dar a chave da dispensa.

— Para quê?

— Para almoçar...

— Ora! não vale a pena; d'aqui a duas horas estás outra vez com fome.

Contava alguém que o pobre general Fulano, que tem uma perna de pau, acabava de esmagar o pé.

— Qual? perguntou Calino.

Os artistas d'um theatro da provincia foram procurar o empresario, homem agradável e engraçado, mas um tanto interesseiro, e disseram-lhe em côro:

— O trabalho é muito; queremos ser augmentados.

— Hei de reflectir no pedido — respondeu o empresario.

Dias depois chamou os ao escriptorio.

— Chamei-os para lhes dizer que o seu pedido é realmente muito justo — disse o director em tom paternal. — Vou augmental-os. Até aqui eram dez... agora ficam sendo doze. Escripaturei mais duas figuras para a companhia.

Uma senhora á sua cosinheira:

— Então que é isto, Roza? Uma garrafa de azeite em cima do meu *toilette*!?

— E' porque o azeite suja tudo lá na cosinha.

— Gostas mais de pudim de pão ou de laranja, Lóló?

— De laranja, minha tia.

Lóló come sofregamente o pudim de laranja, e, ao acabar, diz:

— Olhe, minha tia, gosto mais do outro.



## HORAS ENTRETIDAS

123 — CHARADA

A comida me quer em sua conta — 1  
Sou nas mãos do pedreiro muito uzado — 2  
O todo, bom bocado, quasi sempre  
Se vê pela primeira carregado.

Vizeu

O NETO DO AVÔ.

124 — CHARADA

Na garganta — 1  
Olha p'ra aqui — 1  
Acaba por x.  
Começa por i.

Monchique

CUNHA & C.<sup>a</sup>

125 — LOGOGRIPO POR LETRAS

Este é nome d'homem 4, 7, 8, 9, 3, 6  
Nome de mulher, 1, 6, 4, 5, 2, 9  
Este é nome d'homem 5, 11, 10, 6, 7, 2, 11  
Nome de mulher, 3, 9, 7, 8, 10, 5, 9  
Este é nome d'homem 7, 6, 3, 9, 10, 11  
Nome de mulher, 5, 6, 10, 6, 7, 2, 10, 9  
Este é nome d'homem 4, 2, 6  
Nome de mulher, 9, 10, 10, 9

Ora vêde, meus leitores,  
Que nomes tão variados;  
Mas se querem nome d'homem  
Lá vae, não fiquem zangados.

Vizeu

Bénié.

126 — CHARADA NOVISSIMA

Não sou peixe sou hortaliça — 1 — 2

Monchique

CUNHA & C.<sup>a</sup>

127 — CHARADA NOVISSIMA

Movê-se na musica este animal — 2 — 1

FLOR DE LOUBROSA.

128 — CHARADA NOVISSIMA

Resguarda do frio esta flôr mineral — 2 — 2

Balcal

FANTOCHE.

129 — PERGUNTA INNOCENTE

Qual é a villa que abre as portas?

Monchique

CUNHA & C.<sup>a</sup>

130 — ENIGMA

Qua'ro letras tem o todo  
Duas d'ellas vogaes são  
As outras são consoantes  
N'isso pois não ha questão.  
E de todos em geral  
Respeitado, podem crer.  
Se uma letra lhe tirarem  
Inda dês poderão ver.

Vizeu

O PEQUESSO ANTONINHO.

131 — PROBLEMA

O meu menino tira d'um baralho nove cartas, de valores seguidos, isto é, desde o az até ao 9, e colloca-as de maneira que dêem a somma de 15 para todos os lados — horizontalmente, verticalmente e obliquamente. Ora veja lá se é capaz.

## SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

113. Xaratin — 114. Catita — 115. Faro, Fero, Firo, Foro, Furo — 116. Portimão — 117. Ribeira — 118. Misericordiosissimamente — 119. Limonada — 120. Carapani — 121. Capello — 122. Murça. (Villa portugueza e tambem vestimenta de conego).